

## **Práticas pedagógicas e comunicação comunitária: saberes e refazimentos locais<sup>1</sup>**

Vângela Maria Isidoro de MORAIS<sup>2</sup>  
Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, Roraima.

### **RESUMO**

Estes escritos constituem o passo inicial de um estudo mais amplo que objetiva refletir sobre as práticas pedagógicas no campo de aprendizagem da comunicação comunitária, no contexto sociocultural que abriga o curso de Jornalismo da Universidade Federal de Roraima. Por meio da sistematização de experiências construídas na última década, a pesquisa se insere na dinâmica memória-refazimento de práticas comunicacionais comunitárias, como forma de situar os desafios enfrentados por segmentos sociais minoritários e locais. Nessa primeira fase, o estudo se atem a apresentar, de forma descritiva e analítica, as contribuições teóricas que alimentam essa jornada e suas transformações.

**PALAVRAS-CHAVE:** Comunicação comunitária; práticas acadêmicas; memória.

### **Introdução**

O relato das experiências marcantes na vida profissional e acadêmica recebe o nome de memorial. Para fins do presente estudo, nos interessa utilizar uma abordagem qualitativa desse instrumento como forma de provocar um processo de reflexão sobre as práticas pedagógicas utilizadas na disciplina de Comunicação (Jornalismo) comunitária<sup>3</sup>, por mim ministrada nos últimos dez anos. A memória dessa experiência está situada junto ao curso de Jornalismo da Universidade Federal de Roraima (UFRR).

Criado em 1991, o curso de Comunicação Social – Jornalismo, desde o seu primeiro projeto pedagógico, trouxe no interior da proposta curricular a disciplina de Comunicação Comunitária, de modo muito assemelhado a outros modelos de universidades brasileiras. Interessante observar que as práticas pedagógicas e de campo

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na DT 7 – Comunicação, espaço e cidadania do 20º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte, realizado de 14 a 16 de junho de 2023.

<sup>2</sup> Professora doutora do curso de graduação em Jornalismo e do Programa de Pós-graduação em Comunicação da UFRR, e-mail: vangela.morais7@gmail.com

<sup>3</sup> Depois de 2015, com as novas diretrizes para elaboração dos projetos pedagógicos, a disciplina que antes se denominava de Comunicação Comunitária passou a se chamar Jornalismo Comunitário.

desenvolvidas pela disciplina fomentam uma leitura crítica e particular sobre o contexto sociocultural de Roraima, implicando nesse processo a todos os sujeitos em aprendizagens, professores, alunos e comunidade.

Tem-se assim uma janela de grandes temáticas locais e suas dinâmicas de construção ao longo dessa década. Fiquemos com apenas dois exemplos mais recorrentes dessa interface: as temáticas referentes aos povos indígenas e aos imigrantes que acessam Roraima por meio de suas duas fronteiras transnacionais, Guiana e Venezuela. Esses temas passaram a inspirar práticas pedagógicas somente a partir de 2016, em parte porque apenas em 2015 passamos a observar os primeiros signos da presença de indígenas Warao da Venezuela nas ruas da capital Boa Vista, desencadeando, desde então, um dos mais significativos fenômenos contemporâneos de deslocamento humano, decorrente da situação política e econômica no país vizinho.

Todavia, considerando que as questões indígenas são fundantes na caracterização dessa parte amazônica do país, o atraso em sua abordagem acadêmica - no escopo específico da disciplina de Jornalismo comunitária - exprime o nível e a dificuldade de tratamento da questão face aos sentidos conflitivos dessa relação em contexto local. Entorno das duas temáticas orbita, portanto, a violação dos direitos humanos, aspecto-chave para o importante exercício desse tipo de comunicação.

Como este é o primeiro movimento de uma proposta mais ampla que objetiva refletir sobre as práticas pedagógicas e a comunicação (jornalismo) comunitária, o estudo se atem a apresentar as contribuições teóricas acerca desse tema, para averiguar de que forma esse conhecimento cria uma espécie de rastro epistemológico na compreensão dessa jornada acadêmica.

### **A consistência teórica como suporte das experiências práticas**

As práticas pedagógicas se elaboram num contínuo processo de acompanhamento de ideias inspiradas em estudiosos dos interdisciplinares campos da educação e da comunicação. Dois deles são acionados nessa breve produção bibliográfica de caráter histórico e reflexivo sobre o contexto local: Paulo Freire e Cícilia Peruzzo.

As atitudes cotidianas dentro e fora da sala de aula, as pequenas tomadas de decisões que modelam os planejamentos de ensino trazem as marcas e as contribuições

desses pensadores, portanto, a prática pedagógica é um exercício de articulação, nem sempre devidamente dimensionado no ato de sua ocorrência. Às vezes, é necessário revisar para que os sentidos se ofereçam com maior clareza.

Sobre a memória de formação, Névoa (1995) diz que se trata de um “gênero inscrito no conjunto de trabalhos das ciências sociais que elegeu as ‘histórias de vida’ como objeto de investigação de várias áreas a partir dos anos 70”. Essa inscrição favorece perspectivas estreitas com a construção de saberes sobre comunidades e comunicação. Ainda de acordo com o autor, a memória de formação “faz reaparecer os sujeitos face às estruturas e aos sistemas, a qualidade face à quantidade, a vivência face ao instituído (NÓVOA, 1995, p. 18).

Esse reconhecimento da importância dos sujeitos e das subjetividades atravessa a obra de Paulo Freire em diversas publicações, exatamente para provocar uma reflexão sobre as construções e as desconstruções históricas do ser. Com isso, Freire (2014) destaca a potencialidade e a necessidade de transformações e de refazimentos nas relações sociais, especialmente nos cenários de marginalização e opressão de pessoas e grupos minoritários.

A leitura crítica do mundo deve nortear os processos de aprendizagem sobre cultura democrática e cidadã, desvendando diferenças nos modelos comerciais e alternativos de comunicação e situando as diversas estratégias narrativas como esteios de sustentação coletiva dos movimentos sociais e suas demandas.

São essas ideias seminais de sujeitos, autonomia, justiça social e identidades que se projetam sobre as pesquisas realizadas por Cicília Peruzzo no espaço da comunicação horizontal, dialógica e comunitária. A autora lança um olhar especialmente focado sobre os processos de comunicação nos movimentos de base, por meio da revisão histórica e de paradigmas a partir de algumas experiências na América Latina e no Brasil.

A comunicação popular, como também Peruzzo a denomina, por ser uma ação que emerge dos grupo populares, “tem caráter mobilizador coletivo na figura dos movimentos e organizações populares, que perpassa e é perpassada por canais próprios de comunicação” (PERUZZO, 2006, p.2). A comunicação não é dissociada da ação sobre uma realidade que necessita ser transforma. Esse aspecto emancipador se funda novamente na valorização dos sujeitos de uma comunidade, eles mesmos, protagonistas de sua comunicação.

As noções vão se anelando a outras de tal forma que na esteira das aprendizagens sobre a comunicação comunitária, o ativismo (ação que intervém sobre lógicas de opressão e estruturas de poder) promove outras subjetividades políticas.

Ao longo desses dez anos, as experiências concretas da disciplina de Comunicação (Jornalismo) Comunitária (elencadas em outra etapa da pesquisa em andamento) foram motivadas e direcionadas por essas linhas gerais de pensamento, atualizadas mediante os fatores históricos de nossa realidade. “Tais fatores são gerados no bojo dos sistemas econômico, social, político, jurídico, cultural, militar e comunicacional permeados que são pela luta de classes, pelos mecanismos do poder de Estado e pelo desenvolvimento tecnológico de cada época histórica” (PERUZZO, 2018, p. 46).

Diante da necessidade de sintetizar as contribuições teóricas que alimentam as experiências de aprendizagem em comunicação comunitária, a partir do espaço de formação acadêmica, recordamos o influxo dinâmico de algumas constâncias e transformações. Os antagonismos de uma sociedade como a nossa, ao alimentar no tempo desigualdades e contrastes sociais, se aproximam desse sentido de constância, um fio contínuo que pereniza estruturas. Já o cenário de intensificação do fenômeno da Internet imprime novos saberes e transformações, a partir da ampliação das potencialidades técnicas e políticas de participação do cidadão comum no universo midiático.

Essa tendência de empoderamento dos canais de comunicação faz parte da história das organizações e movimentos sociais porque a necessidade de comunicar é parte constitutiva da dinâmica social. Assim sendo, em conformidade com as condições do desenvolvimento tecnológico de cada momento histórico e com as circunstâncias vividas pelos grupos sociais mobilizados, ou em processo de articulação, agregam-se formas e canais comunicativos como parte dos processos de consciência, organização e ação para fortalecer laços internos, tornar pública sua situação, defender seus interesses e dar visibilidade às suas reivindicações e conquistas (PERUZZO, 2018, p. 47).

## **Conclusão**

As práticas pedagógicas envolvem um amplo conjunto de medidas para a

construção dos procesos de aprendizagem. Dentre essas medidas figuram as contribuições teórico-metodológicas que, no escopo dessa proposta, são refletidas e aplicadas à Comunicação e ao Jornalismo Comunitário na UFRR.

A partir das ideias éticas e humanistas de Freire e Peruzzo, podemos sublinhar a inclusão e a produção de diferentes estratégias discursivas protagonizadas pelos sujeitos e grupos sociais acêntricos como marcas de registro e de inspiração para as práticas pedagógicas. Assim, com base nessas experiências, para que esses aspectos inclusivos e propositivos alcancem de forma cognitiva e afetiva a todos os envolvidos, é necessário que a relação inicial com os próprios acadêmicos se dê em formatos de maior autonomia, criticidade e participação na construção de seu conhecimento.

Uma das formas encontradas para criar uma ambiência de comunidade e convivência, a partir da própria sala de aula, tem sido direcionar a primeira unidade da disciplina para o exercício de sensibilização sobre temas, grupos e memórias. Assim, cada nova turma acessa a memória do conjunto de ações desenvolvidas pela disciplina ao longo do tempo e promove avaliações dessa trajetória. Esse movimento, cria uma aproximação semântica e afetiva com as categorias e ideias que alicejam o pensamento e as experiências a serem atualizadas. Esses refazimentos são dispositivos que se reiventam à luz da realidade local e das reflexões teóricas, desenvolvendo-se enquanto saberes técnicos e afetivos.

## REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Educação e mudanças**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: um encontro com a Pedagogia do Oprimido**. 3. Ed. São Paulo, Paz e Terra, 1994.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à Prática Educativa**. 25ª Ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2002.

LARROSA, B.J. **Notas sobre a experiência e o saber da experiência**. Disponível em: chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?format=pdf&lang=pt> Acesso em 30 de abril de 2023.

NÓVOA, Antonio. **Vidas de professores**. 2. ed. Porto: Porto Editora Ltda, 1995.

PERUZZO, Cicília. Cidadania comunicacional e tecnopolítica: feições do midiativismo no âmbito dos movimentos sociais populares. In: BRAIGHI, Antônio Augusto; LESSA, Cláudio; CÂMARA, Marco Túlio (orgs.). **Interfaces do Midiativismo: do**

**conceito à prática.** CEFET-MG: Belo Horizonte, 2018. P. 43-61.

PERUZZO, Cicília. **Revisitando os conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária.** Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – UnB – 6 a 9 de setembro de 2006.